



1290000151



FE

TCC/UNICAMP B551c

ANDRÉA MARQUES GIUNGI BIZAIA

**CONCEPÇÕES QUE OS DOCENTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL TÊM SOBRE AS MODALIDADES DE ESTÁGIO PARA A
FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

CAMPINAS, SP

1998

UNICAMP **BIBLIOTECA**

ANDRÉA MARQUES GIUNGI BIZAIA

CONCEPÇÕES QUE OS DOCENTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL TÊM SOBRE AS MODALIDADES DE ESTÁGIO PARA A
FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial do curso de Pedagogia
da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
orientação da Profª Drª Mariley S. F. Gouveia.

Campinas, SP

1998

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

B551c Bizaia, Andréa Marques Giungi.
Concepções que os docentes das séries iniciais do ensino fundamental têm sobre as modalidades de estágio para a formação de professores / Andréa Marques Giungi Bizaia. -- Campinas, SP : [s. n.], 1998.

Orientador : Marily Simões Flória Gouveia.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Professores – Formação. 2. *Relação teoria - prática.
3. Escola pública. 4.*Universidade – Escola. I. Gouveia, Marily Simões. II. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação. III. Título.

BANCA EXAMINADORA:

MARILEY SIMÕES FLÓRIA GOUVEIA

HELENA COSTA LOPES DE FREITAS

DATA DA APROVAÇÃO:

DEDICO ESTE TRABALHO:

A meus pais, Vera e Heraldo, pelo amor e carinho presentes em toda a minha vida e pela força com que sempre apoiaram e valorizaram meus estudos;

Aos meus queridos irmãos, Rodrigo e Alline pela admiração e carinho;

À querida avó, Ondina, pela linda lição de amor e vida;

Ao meu marido, Carlos, companheiro e amigo de sempre na vida, pelo amor e dedicação que me faz tão feliz.

AGRADECIMENTOS:

especialmente à amiga Mariley pelo carinho e atenção com os quais sempre me impulsionou para novos desafios. Sua atenção e disponibilidade sempre presentes, contribuíram para que tudo parecesse mais fácil;

à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), pela concessão de bolsa de iniciação científica responsável por parte da realização deste trabalho;

a todos os professores da escola pública que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho;

às colegas da Faculdade de Educação e ao amigo Fernando, pelos anos de estudos em conjunto;

aos professores da Faculdade de Educação que fizeram parte da minha história, pelos desafios proporcionados possibilitando um crescimento intelectual e pessoal;

ao querido Carlos, mais que pelo apoio e presença amiga, por suas idéias e conselhos sempre sábios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
BREVE HISTÓRICO.....	3
PROBLEMA E OBJETIVO.....	9
METODOLOGIA.....	12
ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	17
I) Investigação com as alunas do Curso de Pedagogia.....	17
II) Entrevista com os professores e corpo administrativo da escola.....	20
III) Questionário das professoras que realizaram o curso de especialização Avaliação Escolar e Ensino Público: formação continuada para professores do ensino básico.....	24
IV) Entrevista com a coordenadora do Curso de Pedagogia - UNICAMP... 	30
OBSERVAÇÕES FINAIS.....	39
BIBLIOGRAFIA.....	41
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve início devido a uma preocupação com o lugar da experiência prática nos cursos de formação de professores. Este espaço denominado estágio tem presença obrigatória nos currículos de formação de professores, mas nem sempre cumpre o papel que lhe é destinado, o papel de articulador da relação teoria - prática, ou seja, a unidade entre os conhecimentos teóricos e a prática pedagógica. O estágio, de uma maneira geral, cumpre apenas uma função burocrática reduzindo-se a meras observações de algumas aulas isoladas, ou a atividades que privam o aluno do contato com seu objeto de estudo.

O espaço do estágio pretende, pelo menos teoricamente, que o futuro educador experimente a totalidade das relações que se dão dentro da escola, que é seu objeto de estudo e trabalho. O interessante não é aprender a fazer, aprender a dar aulas ou lidar com uma classe; o mais importante e realmente necessário é o conhecimento da realidade social que nos cerca, entender em que estrutura e relações de trabalho colocaremos em prática nossa competência profissional. O estágio, pretendendo fazer a ponte entre a teoria e a realidade escolar, funciona como um momento de alerta para os aspectos político e social presentes na escola e na sociedade.

Portanto, este trabalho, preocupado com a melhoria na formação do profissional da educação, reforça a importância da experiência prática, ou seja, da vivência da realidade como fator fundamental à competência profissional do educador. Acreditamos que articular teoria e prática significa proporcionar ao aluno uma vivência da prática concomitantemente ao aprendizado das teorias. As teorias são estudadas na universidade e a prática está nas escolas públicas de ensino fundamental, que são objeto de estudo e trabalho dos futuros profissionais da educação.

O interesse por esta questão da unicidade entre teoria e prática se deu no interior das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, existentes no currículo da Faculdade de Educação, no ano de 1994. Nós, alunas da turma A, cursando o primeiro ano de Pedagogia, entramos em contato direto com a escola pública de 1º grau, que se tornou nosso objeto de estudo e trabalho ao longo do curso, nos proporcionando uma formação teórica relacionada com a realidade educacional das escolas.

Infelizmente não representamos a maioria dos alunos da Pedagogia; muitos destes por sua vez nunca estiveram em contato com a escola pública de 1º grau enquanto universitários. Tivemos diversos problemas nesse relacionamento entre escola-estagiário-

universidade, mas isso também contribuiu para nossa formação possibilitando inclusive a realização deste trabalho que pretende refletir sobre a formação do profissional da educação, no tocante à relação teoria-prática.

BREVE HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA - UNICAMP

Para compreendermos a história das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica precisamos retornar brevemente à história do Curso de Pedagogia e das reformulações sofridas no interior do seu currículo.

Anteriormente à reformulação de 1993, a estrutura do curso de pedagogia era marcadamente propedêutica, não contemplando um contato satisfatório do aluno com a escola pública. O currículo constituía-se num acúmulo de disciplinas teóricas sem vínculo algum com a realidade da escola. A Prática de Ensino e os Estágios, acompanhando a tendência geral da educação, estavam vivendo seu período tecnicista.

A introdução das habilitações nos cursos de pedagogia ocasionou uma desvalorização do trabalho docente ao fazer da habilitação Magistério, independente e optativa.

Com a reformulação que entra em vigência em 1993, a habilitação Magistério do 1º grau está integrada ao núcleo comum e passa a ser obrigatória; fica em evidência a preocupação com a relação teoria-prática. No BOLETIM DA PEDAGOGIA 3, de maio de 1992, aparece a finalidade das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica, na tentativa de articular teoria e prática:

“...julgamos que pode-se avançar criando-se espaços privilegiados de intercâmbio teoria-prática ao longo da formação do profissional da educação. (...) Com este sentido, foi introduzida a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica nos três primeiros semestres. Sua finalidade é garantir um ‘corredor’ ao longo do curso onde se possa realizar a integração das disciplinas em cada semestre e, também, garantir o espaço de interação com a realidade escolar. A utilização deste espaço constitui, ainda, momento privilegiado para a iniciação científica.”

O currículo do Curso de Pedagogia, anteriormente à reformulação de 1993, revelava a concepção de conhecimento como um dado pronto e acabado, aplicando primeiro a teoria e depois a prática, separando o aluno do seu objeto de estudo que é a escola. Com a atividade prática realizada ao longo do curso, instituída pela nova estrutura curricular a partir de 1993, o aluno entra em contato direto com o objeto construindo seu próprio conhecimento a partir das experiências vivenciadas na realidade escolar: “a relação teoria / prática pedagógica deve perpassar todas as disciplinas do curso (...) enfatizando a pesquisa da realidade educacional local envolvendo o aluno em programas de iniciação científica ou outras formas de pesquisa” (CONARCFE, 1989).

CANAU (1989) propõe como ponto de partida para a superação da visão dicotômica entre teoria e prática, em função de uma unidade entre elas, a “penetração na práxis pedagógica das nossas escolas, a análise do cotidiano escolar e dos seus diferentes estruturantes” (pg. 4), entendendo a práxis como a relação teoria e prática transformadora.

VASQUEZ (1977) define práxis como “a atividade teórico-prática, ou seja, tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, com a particularidade de que só artificialmente, por um processo de abstração, podemos separar, isolar um do outro” (pg. 241).

Foi pensando nessa unicidade entre teoria e prática que o currículo da Faculdade de Educação foi reestruturado. A seguir apresento a Estrutura Curricular do Curso vigente entre os anos de 1993 a 1997, já que em 1998 entra em vigor um novo currículo que discutiremos posteriormente.

ESTRUTURA CURRICULAR DO NÚCLEO COMUM DO CURSO DE
 PEDAGOGIA
 MATUTINO E NOTURNO*

1º semestre	Introdução à Pedagogia	Pesquisa e Prática pedagógica I	Filosofia da Educação I	Psicologia da Educação I	Sociologia geral
2º semestre	História da Educação I	Pesquisa e Prática Pedagógica II	Filosofia da Educação II	Psicologia da Educação II	Estrutura e Funcionamento do I e II Graus
3º semestre	História da Educação II	Pesquisa e Prática Pedagógica III	Didática	Psicologia da Educação III	Sociologia da Educação I
4º semestre	História da Educação III	Metodologia do Ensino de I Grau	História das Doutrinas Pedagógicas	Leitura e Produção de Textos	Sociologia da Educação II
5º semestre	Metodologia da Alfabetização	Prática de Ensino de I Grau	Didática Ensino de Matemática	Didática Ensino História e Geografia	Didática Ensino de Ciências
6º semestre	Métodos de Pesquisa em Ciências da Educação	Estágio Supervisionado de I Grau	Estágio Supervisionado de I Grau	Fundamentos da Educação Especial	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO
7º semestre	Fundamentos da Educação Infantil	Seminário das Habilitações	Gestão Escolar	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO
8º semestre	Educação não Formal ----- Educação Física	Trabalho de Conclusão de Curso I	Currículos e Programas	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO
9º semestre	Atividades Livres ou Eletiva	Trabalho de Conclusão de Curso II	Eletiva	Eletiva	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO

*Boletim da Pedagogia - FE / UNICAMP, N. 3, pg. 8, 1992.

Preocupada com esta interação e baseada em estudos desenvolvidos por entidades educacionais (em especial nas recomendações da Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - ANFOPE), a Faculdade de Educação - UNICAMP incorporou na reformulação do seu currículo, em 1993, um conjunto de disciplinas orientadas para o trabalho prático nas escolas; este eixo prático perpassa todo o curso tendo início no 1º semestre e prosseguindo até o 9º semestre. Dentre estas disciplinas destacamos as denominadas PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I, II e III, que juntamente com as demais disciplinas que seguem na mesma coluna e as disciplinas referentes ao 5º semestre, formam os eixos de articulação da relação teoria e prática durante o curso.

As críticas ao Estágio Supervisionado e à Prática de Ensino (únicas disciplinas do currículo antigo que proporcionavam um contato com a escola, ainda que ao final do curso) eram dirigidas justamente ao seu caráter finalista: após toda a teoria estudada na universidade, o aluno tinha um pequeno contato com a prática escolar. A consequência disto era o despreparo e a frustração dos alunos, que passaram os primeiros anos do curso imaginando que as propostas pedagógicas prontas e a aplicação do livro didático serviriam de base concreta para a organização do seu próprio trabalho.

Com a reformulação curricular que passa a vigorar em 1993, os alunos passam a ter a possibilidade de estar em contato com a realidade da escola durante o curso todo, ressaltando que cada disciplina do eixo prático tem sua particularidade, ou seja, o estágio realizado no interior das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III é diferente do estágio da Prática de Ensino e Estágios Supervisionados.

Para que fique clara a finalidade de cada disciplina que contempla a ida as escolas, segue abaixo as ementas de cada uma delas:

- PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I, II e III: Espaço interdisciplinar destinado a fazer ponte com a realidade do aluno e a prática pedagógica das escolas, visando a análise global e crítica da realidade educacional. São responsáveis pela articulação da relação teoria - prática desde o início do curso, favorecendo a iniciação a pesquisa e possibilitando a construção de propostas de trabalho para o Estágio Supervisionado.

- PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: Responsável pelo planejamento, desenvolvimento e avaliação dos projetos de ensino envolvidos na prática educacional das escolas públicas de primeiro grau. O estágio aqui constitui-se num momento de estudo, de reflexão sobre a prática docente, de conhecimento do processo de trabalho que se desenvolve no interior da escola e da sala de aula.

Mas respeitando o desenvolvimento do aluno, cada disciplina tem sua particularidade, ou seja, modalidades diferenciadas do estágio realizado em seu interior. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado, realizados da metade do curso em diante, contêm as propostas comuns a todos os currículos que visam a formação de professores: é neste espaço que o aluno vai a campo aplicar o que aprendeu na teoria.

A diferença, no currículo da Faculdade de Educação, são as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, que possibilitam o contato do aluno com a prática escolar desde o início do curso; este aluno não tem condições de atuar em benefício desta escola que ele está começando a conhecer agora; ele está iniciando a construção de suas hipóteses sobre a prática pedagógica da escola e ainda não se encontra intelectualmente preparado para intervir na realidade da mesma. Portanto o estágio pretendido por estas disciplinas tem um caráter diferenciado do estágio realizado no interior da Prática de Ensino e do Estágio Supervisionado. Caracteriza-se como um espaço que possibilita que o aluno se inicie na pesquisa através da observação, do contato com seu objeto de estudo e trabalho; o aluno toma conhecimento da realidade escolar como ela é, e não como a idealizam alguns teóricos da educação e até mesmo alguns professores da universidade.

Essas modalidades de estágio acabaram por confundir os professores das escolas que recebem os estagiários, pois o que eles entendem por estágio é o Estágio Supervisionado, presente tanto nos currículos do ensino médio (no curso de magistério) como no ensino superior (Habilitação Magistério). Essa confusão acabou prejudicando a relação professor-estagiário, pois nem o professor e nem o estagiário tinham claros a relevância deste trabalho dentro da escola.

Como exemplo colhi depoimentos de algumas alunas da turma A de 1994 (que serão analisados posteriormente) no qual relatam:

"... foi um processo tumultuado e árduo, feito a 'duras penas'..."

"... teve grande confusão em relação a modalidade de estágio, não estando clara a finalidade da minha presença na sala de aula..."

Com base nesta difícil experiência, que também vivenciei como aluna da turma A de 1994, surgiu o interesse em conhecer as concepções que os professores das séries iniciais do ensino fundamental, que receberam ou recebem estagiários, têm das modalidades de estágio para a formação de professores da Faculdade de Educação - UNICAMP.

Posteriormente, com o aprofundamento teórico e com o desenvolvimento do trabalho, concluímos que o nosso objeto de estudo era a participação da escola pública na formação do futuro profissional, e que as concepções dos professores, ou seja, da escola em

sua totalidade (diretores, supervisores, administradores, etc.), eram dados relevantes para a pesquisa. Acreditamos que a escola assim como a universidade tem sua parcela de responsabilidade na formação do aluno da Pedagogia, e o que pretendemos saber através dos dados coletados é: como está a parceria universidade - escola, ou seja, como a universidade está se relacionando com a escola e com os professores que recebem seus estagiários, e por outro lado, o que pensam os professores das escolas sobre os estágios pretendidos pelas disciplinas do currículo da Faculdade de Educação.

Achamos que esta questão precisa ser levada tanto para os professores da escola pública, que recebem nossos alunos, como para os professores e alunos dos cursos formadores de profissionais da educação. Como o nosso trabalho está voltado para conhecer o pensamento dos professores da escola pública com relação aos estágios, acreditamos que se esses professores refletirem sobre a importância da contribuição da escola pública para a formação dos nossos alunos da Pedagogia, os estágios ganharão em qualidade.

PROBLEMA E OBJETIVO

O problema que emerge ao analisarmos a formação dos profissionais da educação é a questão da relação teoria e prática. O distanciamento entre a teoria e a prática não é um problema exclusivo dos cursos de formação de professores; a separação predomina em toda a sociedade como resultado da forma dominante, produzida historicamente, de conceber a produção do conhecimento como algo pronto e acabado: fica sob a responsabilidade do receptor assimilar exatamente o que lhe foi transmitido teoricamente.

Na relação teoria-prática se manifestam as contradições existentes na sociedade capitalista em que vivemos, que separa trabalho intelectual e trabalho manual, separando conseqüentemente os dois elementos constitutivos do processo de conhecimento: a teoria e a prática.

Nosso principal objetivo é possibilitar uma melhor integração entre teoria e prática e, conseqüentemente, uma formação mais adequada à prática educacional do pedagogo.

Segundo FÁVERO (1981):

“...A formação do educador não se concretiza de uma só vez. É um processo. Não se produz apenas no interior de um grupo, nem se faz através de um curso. É o resultado de condições históricas. Faz parte necessária e intrínseca de uma realidade concreta determinada. Realidade esta que não pode ser tomada como alguma coisa pronta, acabada ou que se repete indefinidamente. É uma realidade que se faz no cotidiano. É um processo e, como tal, precisa ser pensado” (p. 19).

Nesse sentido, na tentativa de redimensionar apropriadamente o currículo para a formação do profissional da educação, a Faculdade de Educação - UNICAMP em 1993, incorporou na reestruturação do seu currículo as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, que constituíram-se numa alternativa de superação da dissociação entre teoria e prática.

As principais características das disciplinas EP 105, EP 205, EP 305, Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, respectivamente, são: “espaço interdisciplinar destinado a fazer ponte com a realidade do aluno e a prática pedagógica das escolas, visando a análise global e crítica da realidade educacional, debates com diversos profissionais, buscando uma compreensão mais ampla da prática pedagógica, iniciação científica através de pesquisas exploratórias na rede pública” (GOUVEIA, 1997:4). Neste espaço também foi proposta a

integração horizontal das disciplinas dos semestres com professores e alunos reunidos para debates sobre as questões educacionais diagnosticadas na convivência escolar.

A realidade vivenciada por professor e alunos pode ser melhor compreendida no texto de GOUVEIA (1997), professora responsável pelas disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, da turma A ingressante em 1994:

“Durante os três semestres passamos por momentos de euforia e angústias, incertezas e certezas, em fim foi um processo no qual estiveram presentes as unidades dos contrários, característica da dinâmica dialética. Este modo de produção do conhecimento, tanto docente como discente, requer que sejamos firmes em nossos propósitos, mas que a relação teoria e prática, assim como a revisão do trabalho pedagógico, sejam atos constantes. A alternância destes momentos torna o processo complexo pois, não estamos acostumados ao fato de que no ensino, tal situação seja vivida como acontece em nossa vida cotidiana. O tradicional no processo educativo é não possibilitar a reflexão do aluno sobre o que estuda, todo o conhecimento é passado como se fosse a verdade absoluta, geralmente a teoria desgarrada totalmente do seu processo de produção. O trabalho pedagógico desenvolvido nesta disciplina nos três semestres, com a turma A, provoca um ‘desequilíbrio’ no campo conceitual, tanto no conhecimento que as alunas trazem, como também nos valores nos quais estes se apoiam. A necessidade de ter tudo pronto e acabado, prática de tantos anos, gera a ‘resistência’ ao processo de ação-reflexão-ação, na dinâmica do vai-e-vem entre teoria e prática” (p. 10).

A respeito da proposta de integração horizontal do eixo prático com as demais disciplinas do semestre:

“Tivemos problemas com a integração das disciplinas do mesmo semestre, talvez seja este o nosso problema de mais difícil solução, pela complexidade com que se reveste uma atuação interdisciplinar na estrutura social e educacional que temos. A prática educacional e social é individual, com grande incentivo à competição, em detrimento do trabalho coletivo” (p. 11).

Com relação a importância das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III para as alunas da turma A (1994):

“...As alunas ao retornarem às escolas para o Estágio Supervisionado, relatam que encontravam-se melhor preparadas teoricamente para analisar e entender a dinâmica escolar do que as demais alunas que não passaram por processo semelhante nos três primeiros semestres do curso (*esses dados foram coletados na avaliação da graduação, feita todos os semestres pelos alunos*)” (p. 12).

Podemos perceber que apesar das dificuldades encontradas no próprio Curso de Pedagogia, já que alguns departamentos não concordam com a existência destas disciplinas, dificuldades na relação professor e aluno da disciplina e principalmente na relação professor-estagiário nas escolas, as disciplinas (ministradas para a turma A de 1994) foram válidas na tentativa de superação da dissociação entre teoria e prática e também na tentativa de atingir seu objetivo de iniciação à pesquisa.

Este trabalho de pesquisa teve sua origem neste espaço que possibilitou o contato com a realidade da escola pública através dos estágios realizados no interior das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III. Devido a dificuldade por parte dos professores das escolas públicas de compreensão das modalidades de estágio, houve confusão em relação a estes estágios iniciais e o Estágio Supervisionado, o que dificultou a relação professor-estagiário.

Acreditamos que a escola tem sua parcela de contribuição para a formação do futuro profissional da educação, e com relação a interação entre professor e estagiário, FREITAS (1996) afirma: “...Acredito na ação conjunta professor-estagiário como semente de uma forma coletiva de trabalho pedagógico que os alunos aprendem a vivenciar, e que pode representar um elemento importante em direção a novas relações no interior da *escola*, das quais ela é uma parte, não suficiente mas fundamental” (p. 102). *(Grifo nosso)*.

Considerando a importância da escola para a formação do educador e as dificuldades encontradas na realização dos estágios, que constituem o eixo de articulação e integração da relação teoria-prática, a questão que se coloca é: **O que pensam os professores que recebem os estagiários da Faculdade de Educação - UNICAMP, sobre as modalidades de estágio para a formação de professores presentes no currículo da Pedagogia?**

METODOLOGIA

Visando conhecer as concepções que os docentes das séries iniciais do ensino fundamental têm sobre as modalidades de estágio para a formação de professores presentes no currículo da Faculdade de Educação - UNICAMP, optamos pela realização de entrevistas que são instrumentos de pesquisa bastante utilizados em pesquisas qualitativas. As entrevistas não foram totalmente estruturadas e as questões não obedeceram uma ordem rígida, para possibilitar uma maior interação entre pesquisador e pesquisado, ficando o entrevistado livre para discorrer sobre o tema com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

O nosso universo estava muito amplo pois constituía-se das escolas e professores que receberam ou estão recebendo estagiários da Faculdade de Educação - UNICAMP. Como as questões inerentes a este trabalho tiveram origem no interior das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, optamos por voltar às mesmas escolas que receberam os estagiários da turma A e entrevistar os mesmos professores que nos receberam em 1994. O motivo desta seleção, além da redução do campo pesquisado, foi principalmente o interesse em reencontrar estes professores e dialogar com os mesmos sobre as dificuldades surgidas durante o estágio realizado em suas classes.

O critério utilizado para a escolha das escolas a serem visitadas foi o seguinte: foram escolhidas as escolas que receberam maior número de estagiárias da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I (1994) e que além disto continuaram recebendo estagiários nos anos posteriores; as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica II e III não foram consideradas na seleção devido ao fato de que a maioria das alunas realizou os estágios dos três semestres na mesma escola, o que possibilitou uma análise mais completa da realidade de cada escola.

Relação das escolas selecionadas:

- ESCOLAS MUNICIPAIS (Campinas):

- 1) E.M.P.G. Vila Boa Vista
- 2) E.M.P.G. Jardim São Marcos
- 3) E.M.P.G. Dulce Bento do Nascimento
- 4) E.M.P.G. Maria Luisa Pompeu de Camargo

- ESCOLAS ESTADUAIS (Campinas):

- 1) E.E.P.G. Maria Alice E. Rodrigues
- 2) E.E.P.G. Prof. Carlos Cristovam Zink
- 3) E.E.P.G. Prof. Orozimbo Maia
- 4) E.E.P.G. Prof. Antonio Vilela Junior.

Antes de preparar o roteiro de entrevistas para os professores elaboramos uma investigação para ser feita com as alunas da turma A de 1994 que estagiaram nas escolas determinadas. O objetivo desta investigação era o de descobrir qual foi o professor que as recebeu e também conhecer a opinião das alunas sobre como foi a relação professor-estagiário. As perguntas aplicadas como questionário escrito foram as seguintes:

INVESTIGAÇÃO COM AS ALUNAS

- 1) Nome da professora que as recebeu em 1994
- 2) Série na qual trabalhava
- 3) Localização da escola
- 4) Como foi a relação professor-estagiário?
- 5) Como foi recebida pelo corpo administrativo? Houve resistência?
- 6) Houve confusão em relação à modalidade de estágio (confundiram esse estágio inicial com o estágio supervisionado)?
- 7) Teve que substituir o professor ou auxiliá-lo didaticamente?
- 8) O projeto elaborado para a disciplina PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I, II e III contribuiu para sua formação? De que modo?
- 9) Seu tema para o TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) teve origem nas observações realizadas nos estágios das disciplinas PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I, II e III?
- 10) Foi relevante para você conhecer a escola concreta que temos, observá-la sob outro ponto de vista, ou seja, não mais como aluno e sim como pesquisador?

A partir das respostas das alunas e com base no objetivo do trabalho, foi elaborado roteiro para a entrevista com os professores das escolas públicas de ensino fundamental que receberam estagiários da UNICAMP:

ROTEIRO - PROFESSORES

- 1) Qual o seu nome completo? Para que série leciona?
- 2) Qual é a sua formação profissional?
- 3) Você realizou estágios quando estudava? Em caso afirmativo, houve contribuição destes para a sua formação?
- 4) O que é estágio na sua concepção?
- 5) Você acha que existem modalidades de estágio diferenciadas ou todo estágio contém a mesma proposta?
- 6) Você já recebeu alunos que estavam realizando uma outra proposta de estágio? No que esta consistia?
- 7) Você acha importante o papel da escola pública na formação do futuro professor? Por quê?
- 8) Qual seria esse papel desempenhado pela escola na sua opinião? Em que consiste?
- 9) Você acredita que o seu trabalho contribuiu com a estagiária que esteve na sua classe? De que forma?
- 10) E a contribuição da escola, se deu em que sentido?
- 11) Você teria interesse em realizar Cursos de Formação Continuada em parceria com a Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP?

Como estamos pesquisando qual é a contribuição da escola para a formação do futuro pedagogo, elaboramos também um roteiro com questões direcionadas ao corpo administrativo das escolas, para conhecermos o pensamento deles sobre a relação estabelecida entre a universidade e as escolas que recebem os estagiários:

ROTEIRO - CORPO ADMINISTRATIVO

- 1) Qual o seu nome completo?
- 2) Qual é a sua função dentro da escola?
- 3) Como você vê essa aproximação da universidade e da escola pública através dos estágios?
- 4) Você acha que deveria haver um estreitamento de relações entre a escola pública e a universidade?
- 5) Na sua opinião qual é o papel desempenhado pela escola pública na formação dos estagiários? Quais são as contribuições da escola?

- 6) Muitos diretores não aceitam estagiários em suas escolas e há professores que não aceitam estagiários em suas classes. Você tem idéia do porquê destas atitudes?
- 7) Você realizou algum tipo de estágio de formação profissional? Em que este contribuiu para sua carreira?

Acreditando que a proximidade entre a Faculdade de Educação e a Escola Pública possa contribuir para melhorar o trabalho do aluno estagiário na escola, resolvemos estender a nossa coleta de dados a um grupo de vinte e cinco professores, também das séries iniciais do ensino fundamental, que participaram do Curso de Especialização: Avaliação Escolar e Ensino nas Série Iniciais do Ensino Fundamental, do projeto de pesquisa AVALIAÇÃO ESCOLAR E ENSINO PÚBLICO: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO, organizado pelo Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED), LITE e 3ª Delegacia de Ensino de Campinas, com apoio da FAPESP. No questionário constavam as seguintes perguntas:

QUESTIONÁRIO:

- 1) Qual o seu nome completo?
- 2) Em qual escola trabalha? Para que série leciona?
- 3) O curso de formação continuada que você está realizando tem trazido contribuições para você e para o seu trabalho na escola? De que maneira?
- 4) Você recebe estagiários? Como você contribui para a formação deles?
- 5) Qual era a sua concepção de estágio antes da realização do curso e qual é a sua concepção agora? Se houve mudança, a que ela se deve?
- 6) Para você qual é o papel da escola pública na formação do futuro profissional?
- 7) Você acha que seria importante que todos os professores da rede pública realizassem cursos de formação continuada? Por quê?

ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO CURSO DE PEDAGOGIA:

Devido a tantas divergências em relação ao eixo prático, a Faculdade de Educação na atual reestruturação do seu currículo, que entrou em vigor este ano (1998), modificou o nome das disciplinas *Pesquisa e Prática Pedagógica* para *Pesquisa Pedagógica*. Queremos saber se as propostas contidas nas antigas disciplinas *Pesquisa e Prática Pedagógica* foram mantidas, ou se com a mudança no nome alterou-se também a proposta.

Com este objetivo, constará neste trabalho uma entrevista feita à coordenadora do Curso de Pedagogia e também autora da tese e do livro que fundamentam esta pesquisa: Prof^a Dr^a Helena C. L. de Freitas. Pretendemos saber quais foram as mudanças relativas ao eixo prático com a implementação do novo currículo, o porquê da mudança no nome da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica para Pesquisa Pedagógica, como fica a questão dos estágios (o estágio inicial e o estágio supervisionado) e como está o relacionamento entre universidade e escola.

O roteiro desta entrevista não está estruturado na metodologia por ter se constituído mais numa conversa do que num questionamento propriamente dito.

ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

D) INVESTIGAÇÃO COM AS ALUNAS

Nas escolas escolhidas, segundo critério já exposto na metodologia desta pesquisa, estagiaram um total de doze alunas das quais uma sou eu, autora desta pesquisa. Foram entregues questionários para todas. Dentre estas, quatro não devolveram, três não quiseram responder e quatro responderam.

Das quatro respostas, para duas alunas a relação professor-estagiário foi boa, mas somente uma professora tinha clareza da diferença entre as modalidades de estágio. Para as outras duas, a ausência do entendimento da modalidade de estágio causou conflito entre professor e estagiário:

“A professora via-me como uma ‘estranha’, como uma ‘espiã’ infiltrada na sala de aula. Procurava ignorar minha presença (no fundo da sala) ou se controlar para não cometer possíveis atitudes que pudessem comprometê-la. Em momento algum existiu uma relação e sim uma rejeição” (grifo da entrevistada C.).

“Teve grande confusão em relação à modalidade de estágio, não estando clara a finalidade da minha presença na sala de aula” (A.).

Quando questionadas sobre a possível contribuição do projeto elaborado para as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, para sua formação, todas responderam que houve importante contribuição:

“Contribuiu para que eu refletisse sobre a realidade escolar, comparando a realidade que encontrei com a que foi estudada por alguns teóricos da educação” (A.).

“...permitiu-me um primeiro contato com o desenvolvimento de pesquisa. No entanto, acredito ter sido um processo tumultuado e árduo, feito a ‘duras penas’ e que mais tarde, em Metodologia de Pesquisa teve seu papel menosprezado, sendo considerado como algo de senso comum, não científico e com conteúdos teóricos questionáveis” (C.).

Identifica-se aqui a diferença de opiniões existentes entre professores e departamentos da Faculdade de Educação sobre as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, que promovem a ida as escolas desde o início do curso. Para alguns o problema está no nome da disciplina que por conter a denominação ‘prática’ já dicotomiza a relação teoria-prática; para outros, a ida a escola sem o embasamento das teorias faz com que o aluno veja a escola com o olhar do senso comum. Devido a tantas divergências a Faculdade de Educação

na atual reestruturação do currículo (que entrou em vigor agora em 1998) modificou o nome das disciplinas *Pesquisa e Prática Pedagógica* para *Pesquisa Pedagógica*. Nos resta saber se as propostas contidas nas antigas disciplinas *Pesquisa e Prática Pedagógica*, tão exaltadas neste trabalho, foram mantidas.

Sobre a relevância do estágio realizado nas disciplinas *Pesquisa e Prática Pedagógica*, todas as alunas o consideraram muito importante para sua formação:

“Bastante relevante; já havia realizado estágio no magistério mas esse estágio proposto pelas disciplinas PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I, II e III aqui na universidade foi totalmente diferente → destruiu a visão idealizada que eu sempre tive em relação à escola” (B.).

“...passamos a olhar a escola a partir de alguns critérios. Particularmente, nas PPPs (PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I,II e III) eu comecei a observar a escola considerando os seguintes aspectos: atendimento aos alunos, como os conteúdos eram trabalhados, relação professor-aluno, relação alunos-professores-direção” (A.).

“...entrei em contato com a realidade concreta na qual ia trabalhar; não dá somente para teorizar em cima da escola, e mesmo que isso fosse possível, a teoria não serviria para nada descontextualizada do real” (D.).

Percebemos através dos dados coletados, a importância deste contato inicial dos alunos universitários com a realidade da escola pública. Nossa turma tinha um grupo de alunas que haviam feito magistério, mas a maioria vinha de um colegial comum e algumas haviam feito colégio técnico. A preocupação inicial por parte de nós alunas era com uma possível defasagem no interior da turma, pois acreditávamos que o fato de haver algumas alunas com curso magistério dava-lhes mais experiência, facilitando o contato com a realidade da escola neste primeiro ano de faculdade. O interessante foi a oportunidade de todas, inclusive àquelas que nunca haviam refletido sobre a realidade da escola pública, terem a possibilidade de olhar a escola sob um outro ângulo que não o de estudante da mesma.

O fato de algumas alunas já trabalharem em escolas e terem mais experiência contribuiu para a turma como um todo, pois discutíamos em grupo todos os problemas que iam surgindo ao longo do estágio, principalmente a dificuldade por parte dos professores que nos recebiam em suas classes de compreenderem o motivo do nosso estágio.

Cabe ressaltar aqui que todo este estágio que realizamos durante estes três semestres foi cuidadosamente preparado pelas professoras responsáveis pelas disciplinas que visitaram com antecedência cada uma das escolas, conversando com o corpo administrativo sobre o estágio pretendido pelas disciplinas que seriam ministradas por elas (*Pesquisa e Prática*

Pedagógica I, II e III). Foram enviadas, através de nós alunas, cartas às professoras e diretoras reforçando a proposta de trabalho pretendida pela universidade em parceria com a escola pública (ver anexo I).

Nós alunas também fomos instruídas para a realização dos estágios através de encontros em classe, leituras e reflexões conjuntas. Recebemos das professoras um roteiro com alguns indicadores para análise da realidade escolar (ver anexo II) o que contribuiu ainda mais para as discussões em grupo e compreensão dos textos, pois constantemente relacionávamos a teoria com a realidade presenciada.

II) ENTREVISTA COM OS PROFESSORES E CORPO ADMINISTRATIVO DA ESCOLA

Das oito escolas selecionadas foram visitadas seis (2 municipais e 4 estaduais); as duas escolas faltantes não foram visitadas por problema de localização e tempo. A dificuldade maior encontrada para a elaboração deste trabalho foi o fator tempo, pois parte do período reservado para a coleta de dados coincidiu com as férias escolares. De meados de dezembro até início de fevereiro não foi possível a realização de nenhuma entrevista, que tiveram de ser realizadas nos meses subsequentes.

A intenção de entrevistar os mesmos professores que receberam as alunas da turma A das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, em 1994 não foi possível, pois nenhum deles foi encontrado. Resolvemos entrevistar nestas mesmas escolas professores que receberam ou estavam recebendo estagiários da UNICAMP. Como resultado, das seis escolas visitadas somente duas continham professores que receberam estagiários da UNICAMP. Conseguimos entrevistar seis professoras das quais duas não aceitaram gravar entrevista.

Das seis professoras entrevistadas, duas em especial (C. e M.), contribuíram muito com a pesquisa mostrando-se muito interessadas na melhoria na formação de professores. Quanto as modalidades de estágio presentes no currículo da Faculdade de Educação, nenhuma delas tem conhecimento e nem foram informadas sobre essas modalidades ainda que recebendo estagiários - UNICAMP.

Transcrevo a seguir um relato muito interessante sobre a concepção de estágio da professora M.:

“É uma reflexão contínua, um momento de aprendizado com atuação que não inclui obrigatoriamente a regência de classe, mas com uma observação de crítica, de questionamento do observador para com o atuante, mas uma observação com existência de trocas entre professor e estagiário, não a regência propriamente dita pois é muito difícil uma pessoa que não tem contato com a classe assumir a sala de aula; mas o estagiário deve trazer para o professor suas posições para que este possa refletir sobre as posições mais amplas, mais fundamentadas dos estagiários que estão engajados numa universidade; em contrapartida, a visão de prática de muitos anos do professor, de contato direto com os alunos, também traz vantagens. O estágio é necessário desde que atuante e dentro da sala de aula. O aluno do estágio inicial, que acabou de ingressar na universidade, tem no estágio um canal de verificação do que ele quer realmente, se tem intenção de trabalhar

nessa área, esse estágio é mais vantajoso para o aluno da universidade pois se não for o que ele quer já desiste no primeiro ano. Mas a observação não vai ampliar o universo do estagiário; isso só vai ocorrer quando ele estiver com uma classe, com os problemas diários desta classe, cada dia é uma nova realidade” (M.).

Esta fala reflete muito bem a intenção do estágio pretendido pelas disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica, e neste caso a professora conseguiu compreender a proposta e contribuir com o estagiário através de um trabalho coletivo.

É interessante notar a importância que estas professoras dão à relação teoria-prática contando somente com sua experiência profissional:

“... não existe teoria sem prática, as duas coisas não estão desvincilhadas, vêm juntas; a teoria é importante, mas a prática é muitíssimo importante portanto as duas coisas devem caminhar juntas. É muito diferente em sala de aula, você pode ter muitas teorias mas vai ter que adaptá-las ao dia-a-dia, a cada aluno; os problemas do dia-a-dia você não estuda, e para isso você precisa fazer o estágio para saber como poderia resolvê-los” (C.).

“...o estágio faz falta para facilitar o início do trabalho porque você também aprende com a prática, e sem o estágio você fica mais inseguro” (M.).

Concordamos com as opiniões das professoras de que teoria e prática devem caminhar juntas sempre; não deve haver um espaço no currículo reservado para a prática apenas através do Estágio Supervisionado ou da Prática de Ensino. A ANFOPE, conforme o Documento Final VI Encontro Nacional (1992), também propõe que a formação do educador seja permeada pela teoria e pela prática ao longo do curso:

“...Em geral tem sido defendido que a teoria e a prática devem perpassar todo o curso de formação do educador e não ser restrita a uma disciplina (em geral Prática de Ensino) e nem a um momento particular do currículo.” (p. 8).

Com relação a contribuição do professor e da escola para a formação do estagiário todas as professoras, com exceção de uma, referiram-se ao espaço oferecido, tanto por parte da escola quanto por parte dos professores que cederam suas salas de aula, como a grande contribuição. Somente uma das professoras fez referência a contribuição da escola para a formação do aluno enquanto pessoa e profissional:

“...O estagiário tem a noção de uma estrutura toda de uma escola, que não é só a sala de aula; a escola começa desde a secretaria, cozinha, banheiro, e na escola pública são tantos os problemas que o professor tem que lidar com tudo, e essa visão do todo, o futuro professor precisa ter e a escola vai contribuir para isso; saber dentro da sua

profissão o que pode ser feito pelo outro, qual é a sua parte na sociedade, sua participação e contribuição, que é muito mais do que quatro horas de aulas dadas por dia. É isso que os estagiários e muitos dos professores precisam saber: qual é o papel da escola e qual é o papel da mudança dentro da escola, a escola contribui para que você tenha uma visão de mundo e saiba qual é o seu papel na sociedade” (C.).

Em relação aos cursos de formação continuada em parceria com a universidade, as professoras de uma maneira geral demonstram interesse mas alegam a falta de tempo como empecilho; culpam o estado ou o governo por seus baixos salários e por este motivo têm que trabalhar em outras escolas ou até mesmo em outro emprego sem relação alguma com a área da educação:

“Tenho vontade de estudar novamente, mas a minha vida é difícil pois o estado não me paga o suficiente para eu poder me sustentar, sustentar filho, então sou uma mulher que trabalha de 12 a 15 horas por dia; portanto a minha vontade de estudar fica em segundo plano porque o meu sustento, o meu dia-a-dia, é mais importante; procuro ler textos, me informar, mas é o máximo que posso fazer e uma vez por semana. Não teria tempo para realizar Cursos de Formação Continuada” (C.).

Com relação às entrevistas elaboradas ao corpo administrativo da escola, das seis escolas visitadas somente uma diretora concordou em responder algumas perguntas desde que sua fala não fosse gravada. A intenção era conhecer a concepção da escola sobre as modalidades de estágio. Esta diretora vê a aproximação entre a escola e a universidade através dos estágios como algo importante, pois os estagiários trazem técnicas novas para a escola e a escola oferece-lhes capacitação a nível de experiência.

A diretora concorda que deveria haver um estreitamento entre universidade e escola e propõe que isto seja feito através de um comprometimento maior de ambas as partes. A escola pública contribui muito para a formação do futuro professor pois possibilita a vivência do dia-a-dia (o estagiário vê tudo, tem contato com diversos problemas); além disso adquire experiência (é errando que se aprende) → observação não existe, a prática deve vir junto, imediatamente; não existe uma observação de outra pessoa para que você aprenda; você só aprende com a sua prática. O estagiário já deve ser lançado para trabalhar junto com o professor.

Quando questionada sobre o porquê de alguns diretores não aceitarem estagiários nas suas escolas acredita que seja por receio de ter um estranho analisando a escola para depois criticá-la e pelo mesmo motivo muitos professores não aceitam estagiários em suas classes,

pois o estagiário que fica parado observando incomoda o professor. Para ela estágio é uma verificação da experiência.

O que nos chamou a atenção foi o fato de nenhuma professora ou diretora que trabalhava nestas escolas em 1994 ter sido encontrada atuando nas mesmas. Esta rotatividade dos profissionais da educação prejudica a construção do projeto educacional da escola, pois quando os profissionais deveriam começar a se envolver, eles estão deixando a escola. Os baixos salários, a má formação profissional, a desvalorização do magistério e da escola pública contribuem para o atraso educacional e dificulta a parceria entre universidade e escola. Como exemplo deste prejuízo podemos citar esta pesquisa que tencionava entrevistar os mesmos professores que receberam as alunas em 1994, visando confrontar novamente professores e estagiárias; como isto não foi possível muitos dados interessantes deixaram de ser apontados e analisados.

III) QUESTIONÁRIO DAS PROFESSORAS QUE REALIZARAM O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO AVALIAÇÃO ESCOLAR E ENSINO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Este grupo de vinte e cinco professoras foi escolhido exatamente por estarem realizando um curso de formação continuada em parceria com a universidade. Por tratarem-se de professoras das séries iniciais do ensino fundamental que receberam ou estão recebendo estagiários da Faculdade de Educação - UNICAMP, encaixaram-se perfeitamente como sujeitos da pesquisa. A intenção de aplicar-lhes este questionário foi a de testar nossa hipótese de que professores ligados a universidade, poderiam contribuir mais com seus estagiários até mesmo devido a um esclarecimento maior que provavelmente adquiririam sobre as modalidades de estágio presentes no currículo da Pedagogia. Os objetivos deste curso são: promover a atualização e melhoria dos conhecimentos em educação, mais especificamente em avaliação e ensino para as quatro séries do ensino fundamental e possibilitar ao professor pesquisar seu trabalho pedagógico no contexto da relação teoria-prática.

Infelizmente estas professoras não deram muita importância a esta pesquisa, o que revela uma das muitas dificuldades encontradas no estabelecimento de uma parceria entre universidade e escola pública; devido ao tumulto do final/início de ano e dos problemas que os professores enfrentaram na atribuição de aulas, acabaram 'esquecendo' o questionário. Entrei em contato com todas elas por telefone e duas vezes via correspondência escrita; elas se propuseram a responder e devolver, mas até o momento foram devolvidos apenas três (estes questionários foram entregues a elas o ano passado - 1997). Preocupadas com uma possível defasagem na análise dos dados, decidimos aplicar estes questionários às professoras que estão realizando o mesmo curso neste ano (das quais 16 responderam), totalizando 19 questionários respondidos.

Destes questionários 15 são de professoras das séries iniciais, 1 de uma diretora e 1 de uma vice-diretora, 1 de uma coordenadora pedagógica e 1 de uma professora (que fez o curso o ano passado) e está desempregada pois perdeu o vínculo com a escola.

A primeira coisa que nos chama a atenção é que dos 19 questionários, 7 pessoas não quiseram se identificar e 5 não colocaram para que série do ensino fundamental lecionam, fatos estes que não acarretam implicações para o andamento da pesquisa.

Optamos por transcrever todos os trechos considerados relevantes à pesquisa para que o leitor também possa formar suas opiniões sobre o assunto. Ao serem questionadas

sobre a contribuição do curso de formação continuada para o trabalho pedagógico na escola, todas responderam que houve grandes contribuições:

“Muita contribuição principalmente dando um embasamento teórico que eu sentia muita falta” (D.).

“... tem auxiliado na maneira de encarar os problemas e de buscar soluções; tem me mostrado que há caminhos a se seguir, e tudo depende da maneira e dos objetivos que pretendemos atingir” (EL.).

“Tenho enxergado a escola com outros olhos, pois tenho recebido no curso bases teóricas que têm tudo a ver com a prática pedagógica; consigo aqui, diminuir minha ansiedade e ser mais tranqüila no meu trabalho do dia-a-dia.” (SNI).

“Contribui para que haja uma atualização dos conhecimentos, parando para pensar no modo de agir, questionando e refletindo o porquê do trabalho.” (S.).

“O curso tem trazido fundamentos para solucionar os problemas do dia-a-dia ou quase sempre amenizá-los.” (SNIV).

“Parei para analisar, refletir, questionar, procurar outros caminhos dentro da minha prática pedagógica. Procuro sempre me ver dentro e fora das leituras.” (ED.).

“... o que acontece no dia-a-dia me faz lembrar questões discutidas no curso.” (C.).

“Através das leituras, reflexões e oficinas percebo que estou interagindo com mais atenção, discernindo com um pouco mais de clareza certos assuntos que envolvem a escola como um todo (influência sócio-política, valores individuais e outros); estou mais crítica quanto ao meu trabalho pedagógico.” (SNV).

“O curso contribuiu muito para o entendimento da prática em sala de aula; conhecer melhor o que é planejamento e como planejar melhor e sem cópias. O mais importante foi verificar realmente qual é o papel da avaliação em nossas escolas...” (SA.).

“... se eu fosse aluna e participasse do curso, acredito que não teria a mesma intensidade de proveito. Como estudante, nos estágios, me sentia distante da situação, ou melhor conhecia uma parte mas desconhecia o todo: o todo está com a professora, a dona da classe. Agora eu também tenho o todo, a responsabilidade de uma classe. De crianças em formação; o curso veio ao encontro do meu anseio e estou procurando pôr em prática a aprendizagem recebida no curso.” (AP.).

É interessante notar que as mesmas dificuldades, a mesma procura por respostas e embasamento na teoria citada pelas professoras das escolas que receberam ou recebem estagiários - UNICAMP (entrevistadas oralmente) mas que não têm vínculo com a universidade através de cursos de formação continuada, são citados aqui por estas professoras

que encontraram as respostas que procuravam justamente durante a realização do curso. Percebemos que as angústias vivenciadas pelos professores da escola pública são muitas e bastante semelhantes, mas para estes que estão se relacionando com a universidade estas angústias são amenizadas e muitas respostas são encontradas.

Com relação ao recebimento de estagiários em suas salas 3 de um total de 12 professoras nunca receberam estagiários. Quando questionadas sobre como contribuem para a formação destes estagiários, todas as que os recebem, responderam que contribuem com a experiência que têm de sala de aula:

“... sempre procuro mostrar a realidade da sala de aula com todas limitações e dificuldades, diferentes da teoria de sua formação.” (SNIV).

Aqui a professora se refere à dicotomia da relação teoria e prática: a realidade é quase sempre bem diferente das teorias que fundamentam a formação do aluno.

“Já recebi estagiário que estava dentro da sala de aula apenas para cumprir uma obrigação burocrática, diziam que estágio era chato e que só estavam ali para cumpris as horas.” (ED.).

“Me coloco a disposição para trocar idéias e ouvir o que o estagiário traz de novo, para podermos melhorar o trabalho em sala.” (C.).

“Acho importante a participação do estagiário em um trabalho pedagógico em conjunto com o professor; a maior contribuição que podemos dar a estes futuros profissionais é dar-lhes a oportunidade de elaborarem sua própria proposta de trabalho pedagógico” (SA.).

Perguntei-lhes qual era a concepção de estágio que elas tinham antes da realização do curso e se houve mudanças depois de estarem realizando o curso; 6 responderam que não houve mudança na sua concepção por acreditarem que já tinham a concepção correta:

“Não houve mudança em relação a concepção de estágio. Pois acho que devemos estar sempre abertos à idéias e fundamentos novos que enriqueçam o nosso trabalho, inclusive críticas.” (SNIV).

As outras 8 responderam que houve mudança na sua concepção de estágio devido à realização do curso, e 1 alegou que não dá para perceber se houve mudança ou não recebendo o estagiário somente uma vez por semana.

“A concepção que eu tinha sobre estágios era a de que o estagiário só tinha o papel de observar, substituir o professor de vez em quando e ajudar os alunos nas tarefas. Agora a concepção que tenho é de um estágio de participação na formação dos estagiários, visando um melhor ensino para o futuro” (SA.).

“A concepção antiga era informar, passar experiências; após o curso procuro entrosá-lo ao trabalho colaborando com idéias novas e com a realidade da sala de aula.” (S.).

“Antes achava que o estágio era apenas uma parte chata e burocrática do curso (como foi o meu estágio); hoje percebo a importância do estágio como parte da formação profissional” (D.).

“Antes o estágio era uma forma de aplicar o que foi estudado na teoria. Hoje vejo o estágio como algo produtivo pois vem afirmar que muitas teorias são ilusórias e que a prática é bem diferente.” (SNV).

É interessante perceber as diferenças neste questionário e na entrevista, ambos feitos com professoras das séries iniciais do ensino fundamental; a maioria das professoras que não estão realizando cursos de formação continuada referiram-se, quando questionados sobre a contribuição dada por elas aos estagiários, ao espaço cedido na sala de aula. Percebemos claramente a diferença dos relatos transcritos acima: aqui os professores estão mais preocupados em contribuir para a formação do estagiário enquanto pessoa e profissional, almejando uma melhoria no sistema educacional.

Questionamos também qual seria o papel da escola pública, na opinião delas, na formação do futuro profissional:

“A escola pública é a ‘escola da vida’; é o instrumento fundamental para a formação do futuro educador: é nela que você se depara com todos os problemas que a sociedade enfrenta. Você busca a todo momento alternativas para os problemas; não tem como você ter um modelo para o ano seguinte: você só tem as experiências vivenciadas. É na escola pública que está a maior parte da população. O professor deve contribuir para que o estagiário ‘viva’ estes momentos, para saber que profissional ele vai ser e o que o espera dentro da escola pública.” (ED.).

“O papel da escola pública é fundamental, pois é ela que mostra a realidade da maioria da sociedade com todas as suas deformações e complexidades.” (SNIV).

Algumas professoras aproveitaram esta questão para dizer que a escola pública, além de beneficiar os futuros profissionais, deveria valorizar mais os que já estão inseridos nela possibilitando um aprimoramento na formação e a liberdade de exercer uma prática pedagógica crítica e consciente das necessidades de mudança na sociedade.

A última questão se refere justamente aos cursos de formação continuada: todas responderam com ênfase que todos os professores deveriam realizar estes cursos:

“... os professores estão atuantes então se torna fácil aplicar o que se aprende. É mais que necessário tirar os professores da sala de aula para se atualizarem, serem um pouco alunos, buscando soluções, idéias, inovações, reflexões. A equipe deste curso que realizei na UNICAMP em 1997 é maravilhosa. A professora M. nos dava cada chacoalhão que se fôssemos árvores ficaríamos sem nenhuma folha; o melhor é que vamos recolhendo as folhas e organizando, atitudes de um verdadeiro trabalho de equipe, onde a iniciativa e os ensinamentos de um completam o trabalho dos outros.” (AP.).

“... quanto mais pessoas participarem mais sementes serão plantadas. É uma forma de todas estarem caminhando juntas e se ajudando mutuamente; que o trabalho pedagógico seja encarado com mais respeito e responsabilidade e que seja um processo coletivo e contínuo.” (SNV).

“Só assim ocorreria uma grande transformação na educação!” (S.).

“Isto é urgente, imprescindível; o bom profissional tem que buscar constantemente informações, visões alternativas, sugestões em outros momentos. Se ele não se proporcionar a isto se acomoda em sua mesmice.” (SO.).

“O curso magistério é muito pouco comparado aos problemas que o professor encontra na escola e na sala de aula. Os cursos de formação continuada ajudam a refletir sobre a realidade e o trabalho do professor; é uma oportunidade que o professor tem de ligar a teoria com a prática. O curso dá continuidade para que o professor procure sempre melhorar mais seu trabalho pedagógico aprimorando o seu papel de educador.” (SA.).

“Os cursos são importantes pois o professor fica muito preso ao cotidiano escolar e não arruma tempo para se atualizar.” (SNIV).

“Como está sendo ótimo para mim, acredito que o ideal seria se todos tivessem esta oportunidade. Todo o embasamento teórico que eu estou recebendo aqui está sendo ótimo para minha segurança profissional e para a convivência no grupo.” (SNII).

“Acho que todo e qualquer profissional deve sempre se atualizar, pois as coisas têm evoluído rapidamente e é preciso acompanhar o processo para que se possa evoluir também, crescer, refletir e mudar.” (C.).

“Se queremos mudanças, se visamos o melhor para a escola pública, necessitamos de cursos de especialização com profissionais competentes e não ‘quebra-galhos’ como encontramos muitas vezes nas oficinas das DEs. Só assim atingiremos o objetivo educacional transformador.” (ED.).

Verifica-se que os professores buscam um significado para o seu trabalho pedagógico na escola através de um processo contínuo de ação-reflexão-ação. Como eles mesmos

relatam, já lhes é conhecido o cotidiano escolar, a ação, mas falta a fundamentação teórica para possibilitar uma reflexão seguida de uma ação mais consciente, compreendendo este cotidiano na relação indissociável da teoria e prática. Portanto é imprescindível que os professores da rede pública tenham direito a participar de cursos de formação continuada, através de licença periódica remunerada e períodos reservados a estudos e discussões conjuntas.

No Documento Final do VIII Encontro Nacional da ANFOPE, realizado em Belo Horizonte em julho de 1996, foram elencados os princípios que devem nortear a Formação Continuada dos Profissionais da Educação:

“A formação continuada deve: constituir direito de todos os profissionais da educação e dever fundamental das agências formadoras e contratantes que deverão criar condições para a sua operacionalização; ser associada ao exercício profissional do magistério, uma vez que atualiza, aprofunda e complementa conhecimentos profissionais; estar fundamentada nos objetivos do projeto pedagógico da instituição em que atua o profissional que se pretende aperfeiçoar; respeitar a área de conhecimento do trabalho do professor; resguardar o direito à especialização permanente do professor; ser um processo de interface com o profissional em serviço, no sentido de tratar os aspectos teóricos em articulação com seus problemas concretos; valorizar a produção de saberes construídos no trabalho docente; assumir caráter de especialização ao aprofundar conhecimentos, buscando desenvolver competência para a pesquisa no campo de conhecimento do profissional da educação; considerar a dimensão pessoal, enquanto crescimento profissional, a dimensão institucional enquanto articulação, das agências formadoras e agências contratantes, e a dimensão sócio-econômica, enquanto inserida numa sociedade em contínuo movimento de transformação; desenvolver uma política de permanência do profissional na instituição em que ele atua; fornecer elementos para a avaliação, reformulação e criação de cursos de formação de profissionais da educação.” (ANFOPE, 1996, p.22,23).

Percebemos o quanto o trabalho docente e a integração teoria-prática são importantes no movimento pela recapacitação e formação dos educadores. Os profissionais da educação, em especial os professores das escolas públicas, precisam participar do processo como produtores do saber, trazendo toda a sua experiência que não é pouca, tendo a oportunidade de discutir a elaboração de novas propostas educacionais.

IV) ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO CURSO DE PEDAGOGIA - UNICAMP

O objetivo desta entrevista é compreender as mudanças ocorridas no eixo prático do currículo do Curso de Pedagogia - UNICAMP, com a reestruturação que entrou em vigor no ano de 1998. A reformulação anterior a esta, que vigorou nos anos de 1993 a 1997, já apresentada e discutida neste trabalho, continha as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, articuladas a todo um eixo prático que percorria todos os semestres do curso; para a turma A de 1994, estas disciplinas foram extremamente relevantes para a sua compreensão da indissociabilidade da relação teoria e prática, contribuindo para uma melhor formação acadêmica. Com a nova reformulação, as antigas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III passam à denominação *Pesquisa Pedagógica I e II*, mudando o caráter das disciplinas mas mantendo o mesmo número de horas.

Na tentativa de compreender o fundamento das mudanças, buscamos na Proposta de Reformulação (1997), algumas respostas; segue abaixo um resumo dos princípios norteadores da nova proposta:

- valorização do trabalho pedagógico como base da formação do profissional da educação;

- sólida formação teórica;

- garantir o espaço para a pesquisa e conhecimento/intervenção na realidade;

Aqui encontramos informações sobre o eixo prático: “Com esse objetivo, (de garantir o espaço para a pesquisa e conhecimento/intervenção na realidade), foram mantidas as disciplinas do eixo prático do currículo - Pesquisa Pedagógica I e II (antigas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III), Metodologia do ensino fundamental (antiga Metodologia do Ensino do 1º grau). Foi aumentada a carga horária da disciplina Metodologia da Pesquisa em Ciências da Educação para 8 horas (mantendo apenas 4 horas em sala de aula). Incorporamos ainda a proposta contida na nova LDB de 300 horas para a prática de ensino.”

- a nova proposta exige o trabalho partilhado/coletivo de mais de um docente nas disciplinas;

- garantir as possibilidades do trabalho interdisciplinar (de articulação entre os docentes, entre os diferentes grupos de pesquisa da FE e entre as diferentes unidades da UNICAMP);

- garantir novas formas de relação/unidade teoria-prática no interior do currículo: neste sentido, procedeu-se a uma avaliação das experiências desenvolvidas nas

Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, propondo novos articuladores para estas disciplinas em sua relação com as demais no semestre e as subsequentes. Mantidas no eixo prático do currículo, abrem novas possibilidades de aproximação do aluno de seu objeto de estudo debruçando-se sobre a realidade em que vai atuar. Propõe-se uma reestruturação das disciplinas ao longo do semestre com a introdução de módulos que abordarão a temática das novas tecnologias e uso do computador, utilização da Biblioteca, etc.

- trabalhar com a concepção de formação continuada.*

ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA

A nova estrutura curricular é a seguinte (a grade está na próxima página):

148 créditos em 39 disciplinas obrigatórias = 2220 h

22 créditos em 06/09 disciplinas optativas = 330 h

20 créditos de prática de ensino/estágios = 300 h

TOTAL DE CRÉDITOS: 190, totalizando 2850 horas.

Códigos entre parênteses:

Número: número da disciplina até catálogo/97

M: disciplina mantida com o mesmo código

C: disciplina criada para o catálogo/98

* É importante lembrar que não pretendemos analisar neste trabalho a totalidade da Reformulação do Curso de Pedagogia mas somente os aspectos diretamente relacionados ao eixo prático.

1º	107 (106) Introdução à Pedagogia- Org.trab.ped.	108 (105) Pesquisa pedagógica I	140 (M) Sociologia Geral	122 (121) Introdução à Psicologia	130 (M) Filosofia da Educação I	109 (+209=305) Semin. de Pesq. Pedag. I (2h - sáb)	
2º	110 (M) História da Educação I	208 (205) Pesquisa Pedagógica II	340 (M) Sociologia da Educação I	123 (222) Psicologia Educacion.	230 (M) Filosofia da Educação II	209 (+109=305) Semin. de] Pesq. Pedag.II (2h - sáb.)	
3º	210 (M) História da Educação II	152 (250) Didática- Teoria Pedagógica	445 (M) Sociologia da Educação II	126 (335) Psicologia, Educação e Pesquisa	141 (C) Comunic., Educação e Tecnol.		
4º	412 (M) História da Educação III	153 (375) Metodologia do Ensino Fundamental	144 (540) Metodol. da pesq. Em Ciências da Educ. I	162 (261) Escola e Currículo	163 (442) Polít. Educ.: Estrut. Func. da Educ. Básica		
5º	154 (451) Fundamentos da Alfabet.	159 (518) Prática de Ensino nas s. inic. do Ens. Fundamental	145 (C) Metodol. da pesq.Em Ciências da Educ. II	155 (457) Fundam. Ensino de Matemát.	156 (359) Fundam. Ensino de História e Geografia	157 (456) Fundam. Ensino de Ciências	Eletiva (4 cr.)
6º	111 (M) Fundamentos da Educação Especial	200 (C) Estágio Superv. I	127 (428) Pensamento, linguag. e desenv. Humano	151 (M) Leitura e Produção de Textos	765 (M) Fundam. da Educ. Infantil	Eletiva (4 cr.)	
7º	142 (C) Educação e Antropologia cultural	206 (C) Estágio Superv. II	880 (M) Trabalho de Conclusão Curso I	164 (865) Organização Trab. Ped. Gestão Esc.	463 (M) Planej. Educaci- onal	Eletiva (2 cr.)	
8º	143 (C) Educação não Escolar (2 cr.) -----	809 (M) Trabalho de Conclusão de Curso II	158 (459) Educação, Corpo e Arte	Eletiva Núcleos Tem. (4 cr.)	Eletiva Núcleos Tem. (4 cr.)	Eletiva Núcleos tem. (4 cr.)	
	887 (M) Educação não- Formal (2 cr.)						

PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA, 1997.
(MATUTINO E NOTURNO).

Percebemos que houve mudanças significativas comparando com a estrutura anterior (pág. 5). Como o nosso interesse se restringe ao eixo prático, em especial ao fundamento das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III que foram substituídas pelas disciplinas Pesquisa Pedagógica I e II e Seminários de pesquisa Pedagógica I e II, analisaremos somente o que se refere a estas disciplinas. Vejamos as ementas destas novas disciplinas (retiradas do CATÁLOGO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO - UNICAMP, 1998):

EP108 PESQUISA PEDAGÓGICA I: espaço de introdução do aluno às linguagens de acesso às diferentes fontes de produção da pesquisa educacional: biblioteca, meios informatizados, leitura e produção de textos e artigos com diferentes abordagens. Discussão do profissional da educação frente aos desafios da realidade atual no campo da pesquisa educacional.

EP109 SEMINÁRIOS DE PESQUISA PEDAGÓGICA I: espaço destinado a acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos de Pesquisa Pedagógica I objetivando o trabalho autônomo e independente do aluno nesta disciplina.

EP208 PESQUISA PEDAGÓGICA II: espaço interdisciplinar destinado a fazer ponte com a realidade do aluno e a prática pedagógica das escolas, visando a análise global e crítica da realidade educacional. Este espaço também deverá ser utilizado para a integração horizontal das disciplinas dos semestres com professores e alunos reunindo-se para debates de temas geradores.

EP209 SEMINÁRIOS DE PESQUISA PEDAGÓGICA II: espaço destinado a acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos em Pesquisa Pedagógica II objetivando o trabalho autônomo e independente do aluno nessa disciplina.

Comparando com as ementas das anteriores **PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I, II e III** (espaço interdisciplinar destinado a fazer ponte com a realidade do aluno e a prática pedagógica das escolas, visando a análise global e crítica da realidade educacional. São responsáveis pela articulação da relação teoria - prática desde o início do curso, favorecendo a iniciação a pesquisa e possibilitando a construção de propostas de trabalho para o Estágio Supervisionado), notamos que as novas disciplinas não se referem em momento algum à articulação teoria e prática desde o início do curso.

Optamos por entrevistar a coordenadora do curso visando alguns esclarecimentos sobre a estrutura e o fundamento do novo currículo, mas principalmente por ser uma pessoa com profundos conhecimentos do currículo da Faculdade de Educação e uma pesquisadora que sempre lutou pela melhoria na formação do educador em especial no que se refere ao trabalho pedagógico como princípio articulador da relação teoria e prática. A conversa que

tivemos foi muito esclarecedora e fundamental para a compreensão das modificações realizadas no currículo da Pedagogia.

Os principais trechos das entrevistas serão transcritos a seguir:

Como fica a questão do eixo prático? A mudança no nome e também nas ementas das disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III se deu por quais motivos? Mudou a proposta?

Essa disciplina do eixo prático, Pesquisa e Prática Pedagógica, foi criada em 1993. Na nossa concepção essa disciplina tinha o objetivo com o qual nós trabalhamos com vocês, alunos de 1994. A turma de 93 e 94 foram as que conseguiram dar uma feição às disciplinas que correspondia aos objetivos da reestruturação de 93. O caráter destas disciplinas era o de possibilitar aos alunos a primeira aproximação com o seu objeto de estudo e seu futuro campo de trabalho. A idéia era fazer com que o aluno fosse se aperfeiçoando nessa sua forma de olhar para a sala de aula, para a escola ou para outras formas de educação onde se desenvolva o trabalho pedagógico.

Com a reestruturação atual, levando em conta a história destas disciplinas (turmas de 1995, 1996 e 1997), nunca conseguimos estruturar um grupo interdepartamental e interdisciplinar que desse a estas disciplinas a feição que tínhamos imaginado no currículo de 1993. Houve professores que assumiram comprometidos com uma visão de pesquisa, e outros que assumiram somente por causa da atribuição de aulas pelo departamento. Pela própria estrutura, pela discordância que muitos departamentos têm com essa disciplina, não conseguimos estruturar um grupo de professores que fossem se alternando para assumir essas três primeiras disciplinas e que realmente se preocupassem com esse eixo.

E qual era a discordância fundamental?

Era a de que o aluno quando ingressa numa universidade não pode partir para uma prática pedagógica, uma prática de pesquisa se ele não tem uma concepção teórica bem fundamentada. É bobagem dizer que o aluno olha com o senso comum, pois você nunca olha da mesma maneira para o objeto estando em outro lugar. Vocês vinham de uma escola, vivenciaram todo um período de escolarização mas a volta para este espaço se dá de um outro lugar (como alunos universitários, como alguém que está se formando para olhar este objeto de forma diferente). A idéia que permeou é a de que não é possível o aluno se aproximar da escola com o objetivo de pesquisa, como investigador já no primeiro ano. E aí com a reestruturação de 1998 nesta questão nós perdemos: não conseguimos manter a concepção de que o aluno desde o primeiro ano pode ir se aproximando do seu objeto de estudo, em contato direto com a escola pública. E aí a melhor maneira foi tirar o 'prática'.

Tirando o 'prática' a proposta da Pesquisa Pedagógica continua a mesma da Pesquisa e Prática Pedagógica?

Continua, mas de uma forma que não é com o mesmo caráter que teve em outro momento. Na universidade há outras exigências para se elaborar um trabalho coletivo; e como o currículo acaba sendo o estabelecimento de alguns acordos, de alguns consensos, não há uma unanimidade. As Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, eram para ser reduzidas de três para duas, mas conseguimos garantir Seminários de Pesquisa paralelos onde o aluno é levado a se desenvolver de uma outra maneira, mantendo assim a carga horária de 12 horas (para dois semestres).

Como ficou a ida a escola com a reestruturação atual?

Não tem nada formalizado, cada professor pode ter a sua proposta.

Com isso perdemos o que pensávamos estar dando certo...

Essa é uma luta eterna... Essa discussão se o aluno tem ou não condições de ir para a escola no 1º semestre, quais são as condições de produção de conhecimento desse aluno nesse primeiro ano (aproximar-se do objeto, compreender teoricamente aquela realidade, identificar os problemas de investigação desta realidade...) que não é um conhecimento inédito mas é uma elaboração teórica, primeiras aproximações que o aluno faz. Essa questão perpassa todo o curso e não somente Pesquisa Pedagógica; porque também acontecia de professores de outras disciplinas pensarem da seguinte maneira: 'como Pesquisa e Prática Pedagógica faz, eu continuo dando a minha disciplina do mesmo jeito'. Tinha um pouco isso também; como tem no estágio que fica responsável pela Prática de Ensino.

Então agora no currículo novo o aluno volta a ir para a escola somente no espaço reservado para os estágios?

Não. Ele vai na Metodologia do 1º grau, Prática de Ensino; e depende também porque por exemplo em Didática, sempre houve professores que colocavam o aluno em contato com a escola já no 2º ano. Mas você tem como se aproximar da escola de outras maneiras indiretas como ler pesquisa, trabalho sobre a identificação de problemas na escola, tentando fazer a discussão da pesquisa educacional (mas sem dúvida a maneira direta propicia maior apreensão).

Pesquisa e Prática Pedagógica surgiu para possibilitar um embate desde o 1º ano com outras áreas, com outros professores mas ela acabou não se materializando deixando um vazio; como na sociedade não existem espaços vazios, quando não ocupamos deixando de materializar a proposta (o professor do 1º ano tem que colocar o aluno em contato com

a escola não importando sob qual abordagem, ponto de vista psicológico, filosófico, sociológico) outras idéias foram ocupando o espaço, foram ganhando terreno.

Então o currículo novo perdeu aquele eixo prático?

Eu não avalio que perdeu porque continuamos insistindo que em Pesquisa Pedagógica II, os alunos têm que ir para a escola (...). Garantindo esse espaço, o currículo é uma coisa em movimento; amanhã vem outro professor que tenha uma outra concepção e coloque os alunos a partir de Pesquisa Pedagógica I em contato com a escola. Nada é imutável; o importante é que ficou garantido esse momento e que o eixo prático: Pesquisa Pedagógica, Didática, Metodologia, Prática de Ensino, Estágios e TCC, está amarradinho.

E o estágio de observação (inicial) e o Estágio Supervisionado (aplicação de um projeto)?

Não mudou. Mesmo que o aluno não tenha feito estágio de observação em Pesquisa Pedagógica, etc, na Prática de Ensino ele está indo fazer projetos. Não faz mal que ele nunca tenha visto a escola, vai ver agora; não vai ficar naquela de observar, cumprindo o que Pesquisa e Prática Pedagógica deveria ter feito.

Foi pensado algum contato com os professores, com as escolas que vão receber esses alunos da UNICAMP?

Estamos fazendo contato com a rede pública tentando tornar mais formal essa relação, ter um campo de estágio em escolas mais próximas que já desenvolvem um trabalho formalizado com a universidade. Assim o aluno já sabe que tal escola e tal professor têm interesse em receber alunos.

Então eles não vão enfrentar os problemas que nós enfrentamos, do descaso de professores que não quiseram nos receber?

Ah, isso sempre vai, porque não temos a concepção de que o estágio deva ser realizado em escolas todas certinhas. Achamos que o aluno tem que ir para uma escola da rede, uma escola que não é atípica.

Então a intenção de vocês não é a de cadastrar escolas para que o aluno escolha somente estas que estão em contato com a universidade?

Não. É estabelecer que professores estão dispostos, as condições que eles têm, a trabalhar com a gente.

E seria dada alguma formação, alguma informação sobre o trabalho desenvolvido?

Para que possamos construir algum tipo de relação com as escolas é preciso que todos os professores contribuam e que isso não fique somente nas mãos do professor de Prática de Ensino (...). A dimensão do currículo novo vai colocando para a gente outras

coisas. Porque até 93 quem fazia magistério era 9, 10 pessoas (por isso podia ter um professor só); quando ele passou a fazer parte do núcleo básico (93/94), esse número passou para 90! Então não dá mais para ser iniciante nesse processo; tem que ter um projeto de faculdade. O que estamos começando a pensar agora, não é só com relação aos estágios mas também com relação a ampliação do trabalho da faculdade com a rede pública. Com o currículo novo, ao invés de três turmas teremos duas (45 e 45). A liberação de uma das turmas da manhã vai ser para o professor desenvolver projetos de formação continuada, de extensão, de especialização com a rede pública.

Os professores da rede pública têm um papel como formadores dos alunos daqui?

São participantes do processo. Com sua prática eles também estão formando o aluno. Ao observar o professor mal ou bem o aluno está aprendendo, o que ele deve e o que não deve fazer. A colaboração dele é nesse nível mais restrito de aprendizagem da própria prática; estar acompanhando o desenvolvimento do aluno mantendo ligação com a faculdade. E temos que repensar o curso também em função dos problemas da prática e não só, senão formamos o aluno do ponto de vista da metodologia, do caráter tecnicista, para dar conta dos problemas pedagógicos. A escola é um espaço de formação.

Então ela não deixou de ser o objeto de estudo?

Eu avalio que não. Há uma suspensão temporária daquela idéia mais geral de todo mundo na escola. Até porque pelo currículo novo a formação dos pedagogos não está só localizada na formação para 1ª a 4ª série e educação infantil. Ele também está no campo da educação não - formal; para isso queremos estágio para os alunos também em outras instituições: hospitais, prisões, sindicatos, empresas... É isso se deve a extinção da fragmentação das habilitações. Formar o profissional de caráter amplo, com uma compreensão maior das questões da atualidade, das questões da educação (...). Cada vez mais o aluno está pressionando para ter contato com a escola porque as questões educacionais estão aí e para entender é preciso estar em contato, conhecer. É preciso ter uma visão do todo; o novo currículo não acaba com as habilitações e sim com a fragmentação destas. (fim)

Fica evidente que a preocupação com a articulação da relação teoria e prática não se perdeu com a reestruturação do novo currículo. O que parece ter ocorrido levando em conta toda a história que temos acompanhado é uma preocupação, por parte de muitos professores da Pedagogia, mais com questões estruturais do que com a própria formação do aluno. O 'prática' na denominação da disciplina incomodava tanto assim? Ou será que assumir uma disciplina da responsabilidade que eram as Pesquisa e Prática Pedagógica assusta quem está

mais preocupado com as grandes questões teóricas da educação? Sim, porque iniciar um aluno no campo da pesquisa acompanhando sua trajetória em contato com seu objeto de estudo é um trabalho árduo e muitas vezes não reconhecido nem mesmo pelos próprios alunos.

Os professores vão dando suas aulas como bem entendem simplesmente por causa das atribuições de aulas do seu departamento e não se envolvem num projeto pedagógico maior, não se comprometem com a formação do aluno do Curso de Pedagogia; oscilam constantemente entre as aulas e a pesquisa tornando-se inviável a formação de um grupo que reflita sobre questões de suma importância como é a questão da relação teoria/prática, a questão da escola.

Com a reestruturação do currículo, a saída para amenizar esses problemas foi deixar essa questão do aluno em contato com a escola desde o início do curso um pouco de lado, deixando a cargo do professor responsável pela disciplina Pesquisa Pedagógica I e/ou II, a ida ou não à escola.

O que muitos apresentam como explicação para essa contrariedade às questões práticas é o fato do aluno que acabou de ingressar na universidade vai chegar na escola e olhá-la com o olhar do senso comum. Isso para nós não tem fundamento pois, “Conhecer é conhecer objetos que se integram na relação entre o homem e o mundo, ou entre o homem e a natureza; relação que se estabelece graças a atividade prática do homem”. (VAZQUEZ, 1977). As explicações elaboradas pelo homem sobre o objeto de estudo, seja a nível do senso comum ou a nível científico, não são isoladas de uma visão de mundo.

Torcemos para que os professores se conscientizem do seu papel como formadores de futuros profissionais da educação e que as reestruturações no currículo atinjam os objetivos pretendidos, pois estes só tendem a beneficiar os alunos.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Nossa hipótese inicial não foi rejeitada: os professores das escolas públicas do ensino fundamental que estão recebendo estagiários da UNICAMP não têm conhecimento das modalidades de estágio presentes no currículo da Faculdade de Educação. Os professores não foram preparados para receber os estagiários exclusivamente da UNICAMP e portanto a universidade não pode querer que a escola contribua com a formação do estagiário se ela não esclarece como.

Por outro lado as escolas não podem cobrar dos estagiários e da universidade a resolução dos problemas que afetam o ensino, já que os professores não tem oportunidade de se relacionar com a universidade através dos cursos de formação continuada ou até mesmo de algumas reuniões que focalizem a relação professor-estagiário e reflitam sobre o trabalho pedagógico nas escolas.

Falta entendimento do que a universidade vai fazer na escola independente da modalidade de estágio; falta explicação por parte da universidade dos objetivos pretendidos com os estágios. Todavia, fica evidente que a escola pública, de modo geral, parece não ter pensado no seu papel de formadora de professores. Portanto, no processo os maiores prejudicados acabam sendo os estagiários que têm sua formação dicotomizada devido a deficiência na articulação da relação teoria-prática.

Acreditamos que a escola tem papel fundamental na formação do futuro profissional da educação. O que está ocorrendo é que a escola não tem consciência da sua importância para o estagiário e a universidade não está conseguindo aproveitar satisfatoriamente a grande contribuição que a escola pode dar.

O que estamos propondo através da realização de trabalhos como este, é que tendo em vista a experiência dos alunos que já passaram pelo estágio, suas conquistas e decepções, seja elaborado um planejamento para a realização dos estágios com maior comprometimento da universidade com as escolas, e destas com a universidade. Seria interessante que a universidade fizesse um levantamento das escolas que têm interesse em contribuir para a formação dos estagiários, para que já se iniciasse um programa de formação continuada para os professores das escolas, facilitando também o trabalho de professores e alunos da universidade que não precisariam mais sair 'caçando' escolas a cada início de uma disciplina do eixo prático.

A integração entre universidade e escola visando uma melhoria na formação dos futuros e dos atuais profissionais da educação promoverá uma articulação satisfatória da relação teoria e prática para os alunos da Pedagogia e contribuirá para a melhoria do ensino na escola pública como um todo já que os professores estarão atualizando e refletindo sobre seu trabalho pedagógico em conjunto com a universidade.

Esperamos que esta pesquisa, em conjunto com outras preocupadas com a formação dos profissionais da educação, contribua para a melhoria do ensino superior e conseqüentemente do ensino fundamental, aproximando a universidade e seus professores da realidade da educação brasileira e vice-versa.

BIBLIOGRAFIA

- ANFOPE - Documento final do IV Encontro Nacional da Associação Nacional pela Formação do Profissional da Educação, 1992.
- ARROYO, M.G. **O Estágio Supervisionado como alternativa para a melhoria do ensino.** (Anais do I Encontro Nacional sobre Estágio Curricular), UFF, R.J., 1987.
- BOLETIM DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP, No. 3, 1992.
- BOLETIM DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP, No. 3, 1996.
- CANDAU, V.M.F. **A integração didática geral - prática de ensino na formação de professores.** Trabalho apresentado no V ENDIPE, B.H., 1989 (mimeo).
- _____ (org.) **Rumo a uma nova didática.** R.J., Ed. Vozes, 1995.
- CARVALHO, A.M.P. **Memórias da Prática de Ensino.** Revista da Faculdade de Educação, 1992, 18 (2), p. 247-252.
- CATÁLOGO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO - UNICAMP, 1994/1998.
- CEDES. **A formação do educador em debate.** Caderno Cedes, n.º 2, 1980.
- CENP. **Repensando a formação de professores.** S.P., SE/CENP, 1985.
- CONARCFE. Coletânea de textos do I, II e III Encontros Nacionais da CONARCFE, 1988.
- FAVERO, M. de L. **Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão.** In Nilda Alves (org). *Formação de professores: pensar e fazer.* S.P., Cortez, 1992.
- _____ **Análise das práticas de formação do educador: especialistas e professores.** REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, 1987, 68(160), P. 524-559.
- _____ *Sobre a formação do educador. A formação do educador: desafios e perspectivas.* Série estudos. Rio de Janeiro, PUC/RJ, 1981.
- FAZENDA, I.C. et alii. **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** São Paulo: Papirus, 1991.
- FRACALANZA, D.C. **A Prática de Ensino nos cursos de Licenciatura no Brasil.** Tese de Mestrado, FE - UNICAMP, 1983.
- FREITAS, L.C. **Parâmetros teóricos-metodológicos para a Pesquisa no campo da teoria pedagógica: o caso do LOED.** FE - UNICAMP (mimeo), 1991.

FREITAS, H.C.L. **O trabalho como princípio articulador da teoria-prática**. Campinas, S.P.: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1993. (Tese, Doutorado em Metodologia do Ensino).

_____. **O trabalho como princípio articulador na Prática de Ensino e nos Estágios**. Campinas, S.P.: Papyrus, 1996 (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

FRIGOTTO, G. **O estágio supervisionado como alternativa para a melhoria do ensino**. (Anais do I Encontro Nacional sobre Estágio Curricular), UFF, R.J., 1987.

GOUVEIA, M.S.F. **Pesquisa e Prática Pedagógica: a relação teoria e prática na formação inicial e continuada de professores**. Tema apresentado na Pedagogia 97 - Encuentro por la unidad de los educadores latinos americanos. Ciudad dela Habana, Cuba, 1997.

PICONEZ, S.C.B. **“A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão”**. In S.C.B. Piconez (org.) *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. Campinas, Papyrus, 1991.

PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA/ FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP. COMISSÃO DE PEDAGOGIA AMPLIADA, 1997.

SILVA, E. T. da. **Avaliação do curso de pedagogia da FE/UNICAMP: as expectativas e as percepções dos alunos**”. Relatório de pesquisa, 1990 (mimeo).

VAZQUEZ, A.S. **Filosofia da Práxis**. II edição, R.J., Paz e Terra, 1977.

ANEXOS

Campinas, 06 de abril de 1994

Prezada Professora:

Conforme entendimentos mantidos anteriormente com a escola e dando prosseguimento à nossa proposta de trabalho com os (as) alunos do curso de Pedagogia da UNICAMP, apresentamos a você a(o) aluna (o) - _____, matriculada(o) na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica sob nossa responsabilidade, que deverá realizar 8 horas de estágio durante os meses de abril e maio, totalizando de 16 horas no semestre.

Ressaltamos a importância deste trabalho junto à escola pública de 1o. grau, permitindo que nossas (os) alunas adquiram uma sólida experiência prática e a vivência necessária de modo a vislumbrarem os caminhos para enfrentar e superar os problemas atuais da educação e do ensino.

Esperando contar com sua valiosa colaboração nesse processo, desde já colocamo-nos à sua inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente

Mariley S.F.Gouveia

Helena C.L. de Freitas

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISCIPLINA: EP 105 - PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA I



Campinas, 19 de julho de 1994

Ilmo. Sr.
Diretor

Dando prosseguimento à nossa proposta de trabalho com as (os) alunas(os) do curso de Pedagogia da FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP, apresento a aluna _____ matriculada na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica sob minha responsabilidade, para que possa realizar estágio em escola pública de 1o. grau.

Ressaltamos a importância deste trabalho junto à escola pública de 1o. grau, permitindo que nossas (os) alunas adquiram uma sólida experiência prática e a vivência necessária de modo a vislumbrarem os caminhos para enfrentar e superar os problemas atuais da educação e do ensino.

Esperando contar com sua valiosa colaboração nesse processo, desde já colocamo-nos à sua inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente

Mariley Simões Flória Gouveia



Campinas, 20 de outubro de 1994

Prezada Professora:

Conforme entendimentos mantidos anteriormente com a escola e dando prosseguimento à nossa proposta de trabalho com os (as) alunos do curso de Pedagogia da UNICAMP, apresentamos a você a(o) aluna (o) - CARMEM REGINA PECHT_, matriculada(o) na disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica sob nossa responsabilidade, que deverá realizar 8 horas de estágio durante os meses de setembro e novembro, totalizando de 16 horas (mínimo) no semestre.

Ressaltamos a importância deste trabalho junto à escola pública de 1o. grau, permitindo que nossas (os) alunas adquiram uma sólida experiência prática e a vivência necessária de modo a vislumbrarem os caminhos para enfrentar e superar os problemas atuais da educação e do ensino.

Esperando contar com sua valiosa colaboração nesse processo, desde já colocamo-nos à sua inteira disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente

Mariley S.F.Gouveia

Helena C.L. de Freitas

Profas. Mariley Simões Flória Gouveia
Helena Costa Lopes de Freitas

INDICADORES PARA ANÁLISE DA REALIDADE ESCOLAR

I - A ESCOLA

- . Características do bairro em que está localizada.
- . Turnos de funcionamento e séries/turno.
 - . No. de alunos, professores e funcionários no 1o. grau.
 - . Existência de pessoal técnico-pedagógico e auxiliares.
 - . Áreas de lazer existentes, na escola e no bairro.
 - . No. de turmas em 93/94 e no. de alunos/série.
 - . Critério de seleção de turmas.
- . Critérios de atribuição de classe e/ou de escolha de aulas pelos professores.
 - . Índice de evasão nos últimos 5 anos.
- . Existência de Plano Escolar (Plano Diretor) e Regimento Interno.
 - . Espaço para reuniões de planejamento, avaliação e hora atividade.
 - . Existência de mural de avisos e caráter dos avisos.
 - . Existência de projeto de ensino sendo aplicados na escola.
 - . Existência de Grêmio Estudantil.
 - . Biblioteca: mecanismo de acesso, frequência tipo de obras.
 - . Xerox (mecanismo de acesso)
 - . Oficina pedagógica.
 - . Grade curricular.

II - A SALA DE AULA

- . No. de alunos.
- . Características da classe (índice de repetentes, disciplina e outros dados relevantes).
 - . Condições de elaboração do planejamento bimestral/anual do professor.
 - . Material didático utilizado e condições para aquisição e produção.
 - . Integração entre as áreas.
- . Formas de avaliação . Observar e identificar:
 - * existe atendimento individualizado? em que momento?
 - * formas de avaliação (provas, seminários e outras) e critérios utilizados.
 - * formas de participação dos alunos.
 - * estímulo à participação e criatividade.
 - * normas de disciplina e punição.
 - * tratamento dado ao estudo individual.
 - * provas: convencionais ou outras.
 - * trabalho de pesquisa: biblioteca ou livro didático.
 - * existência de seminários e/ou trabalho em grupo.
 - * debates, relatos de experiências de professores.

- * avaliação tem retorno para o aluno?
- * participação dos alunos na discussão da avaliação.

. Dinâmica de aula:

* Existência de plano de aula.

* Aula expositiva, seminários, pesquisa, grupo, relato de experiência, debates, elaboração de material didático.

. Formas de resistências, organização do trabalho escolar.

III - O PROFESSOR

. Formação profissional, origem social e idade (registrar a formação nas disciplinas).

. Jornada de trabalho, no. de disciplinas na escola, áreas e tempo de experiência.

. Preocupação com dificuldades e condição de vida dos alunos.

. Formas de elaboração, criação e confecção do material didático.

. Organização sindical: filiação, APEOESP, CPP.

. Participação em reuniões da entidade.

. Participação em reuniões técnicas-científicas (congressos, seminários, conferências outras).

IV - A PRÁTICA DE ENSINO E O ESTÁGIO (2o. grau)

. Em que série tem início o estágio?

. Como se divide no horário a Didática, PE e Estágio?

. Quantas horas semanais por série? Qual a carga horária total?

. Como se estrutura o estágio das disciplinas específicas?

. Onde se realiza o estágio?

. Como é realizado o acompanhamento?

. Há integração das metodologias específicas?

. Como é feita a avaliação?

. Condições de criação e confecção do material didático para a escola de 1a. a 4a. séries.

V - O ALUNO (2o. grau)

. Trabalho.

. Motivos para fazer habilitação.

. Origem social e profissão dos pais.

. Expectativa de continuidade dos estudos.

. Área de interesse.

. Visão em relação à Habilitação Magistério.